

Construção social da identidade adolescente/juvenil e suas marcas de gênero

Este texto fala das especificidades da fase adolescente/juvenil para a construção social da identidade, no que tange às questões de gênero. Que fatores você acha que podem estar em jogo nessa fase? Procure antecipá-los antes de começar a leitura.

Se o gênero é socialmente construído por nós no cotidiano da família, da escola, da rua, na mídia, então parte-se do pressuposto de que essas convenções sociais podem ser transformadas, ou seja, discutidas, criticadas, questionadas, modificadas em busca da equidade social entre homens e mulheres, do ponto de vista do acesso a direitos sociais, políticos e civis. Educadores e educadoras têm a possibilidade de reforçar preconceitos e estereótipos de gênero, caso tenham uma atuação pouco reflexiva sobre as classificações morais existentes entre atributos masculinos e femininos e se não estiverem atentos aos estereótipos e aos preconceitos de gênero presentes no ambiente escolar. Qual a

Educadores e educadoras têm a possibilidade de reforçar preconceitos e estereótipos de gênero (...)

responsabilidade da escola e dos educadores e educadoras na garantia do direito de cada pessoa de ter uma justa imagem de si e de ser tratado com dignidade? Como educar meninos e meninas para a igualdade de direitos e oportunidades?

As noções aprendidas na infância do que é considerado pertinente ao feminino e ao masculino acirram-se e consolidam-se na adolescência. A sociabilidade infantil permite ainda certa convivência de meninos e meninas em diferentes atividades coletivas. Já na adolescência, o fato de haver o aprendizado da aproximação ao sexo oposto, mediado por diferentes formas de relacionamento afetivo-sexual (olhar, paquera, ficar, namoro), torna os domínios masculinos e femininos mais nítidos, com limites bem definidos entre si.

No que diz respeito à questão de gênero, há todo um conjunto de atitudes, posturas e modos de agir social e diferencialmente recomendados aos rapazes e às moças que ensaiam a entrada na sexualidade. Mesmo que a virgindade não signifique mais o que foi em outras épocas, e que haja uma relativa aceitação social em ter relações sexuais antes do casamento – variável conforme os costumes e os valores locais – ainda assim exige-se da moça:



- Que se guarde o máximo possível, retardando a iniciação sexual;
- Que seu leque de experimentação sexual seja reduzido, não chegue próximo ao dos homens, para não serem chamadas de “galinhas”;
- Que não seja “atirada”, embora a mídia ressalte a sensualidade dos corpos femininos;
- Que tenha o casamento e a maternidade como horizonte próximo.

Por outro lado, do rapaz exige-se:

- Que antecipe o máximo possível a primeira experiência sexual;
- O prazer de reunir múltiplas experiências sexuais, às vezes simultâneas;
- Um apetite sexual intenso como prova de sua virilidade, estimulada desde pequeno por homens próximos a ele quando apontam o corpo de mulheres na TV ou nas ruas;
- Certo desprezo pelo cultivo dos sentimentos amorosos.

Esses modelos de comportamento sexual e social podem se tornar verdadeiras prisões ou fontes de agudo sofrimento quando os rapazes e as moças não se encaixam nos estereótipos de gênero previamente designados. Qualquer inadaptação ou desvio de conduta corre o risco de ser duramente criticada/o ou discriminada/o socialmente: elas podem se tornar “putas” e “galinhas” (em razão de uma vida sexual ativa), ou “sapatões”, “machonas” ou “freiras”

Dica de filme: Julieta e Romeu (Brasil, Ecos, 1995, 17 min) – De uma maneira descontraída e divertida, as fantasias, as dúvidas, os erros e os acertos da iniciação sexual na adolescência são mostrados através do namoro de Julieta e Romeu.

Esses modelos de comportamento sexual e social podem se tornar verdadeiras prisões ou fontes de agudo sofrimento quando os rapazes e as moças não se encaixam nos estereótipos de gênero (...)

(como categoria de acusação em alusão à castidade para as que se recusam a aderir à prática sexual por imposição do parceiro); e eles, “bichas”, “veados”, “mulherzinha”, “maricas”. Em suma, há modelos de gênero rigidamente estabelecidos que inspiram representações e práticas sociais para jovens de cada sexo.

Além da vivência da sexualidade, há outro domínio em que se percebe a incisiva influência do gênero na construção social da identidade juvenil: o ingresso no mercado de trabalho ou a escolha da carreira profissional. Tanto para aqueles/as jovens que se vêem forçados/as a entrar precocemente no mercado de trabalho em razão da precariedade socioeconômica de suas famílias, quanto para os/as que podem permanecer na escola por mais tempo, na edificação de uma carreira profissional, a oferta de postos de trabalho e de profissões leva em conta aptidões tidas como “naturais” aos homens e às mulheres.

Retomamos aqui o tema da divisão sexual do trabalho. Esta temática, muito estudada pela sociologia do trabalho, é anterior à ampla difusão do termo gênero, mas o sentido de suas análises converge para o mesmo ponto: as escolhas e as oportunidades profissionais não são ditadas por determinações “naturais” ou biológicas. Entre jovens de pouca escolaridade,

cabe aos rapazes serem entregadores, office-boys, motoboys, operários da construção civil ou da indústria, trabalhadores no transporte de cargas, motoristas, trabalhadores rurais, vendedores ambulantes, seguir carreira policial ou militar. Em geral, as moças nas mesmas condições, orientam-se para ser secretárias, copeiras, auxiliares de serviços gerais, ajudantes de cozinha, recepcionistas, empregadas domésticas, babás, faxineiras, comerciárias, operadoras de caixa ou de telemarketing. Mesmo entre jovens que conseguem

(...) é freqüente haver uma adesão maciça das mulheres às carreiras existentes nas ciências sociais (...) ou humanas (...). Essas profissões são tradicionalmente voltadas para o ensino e o cuidado do outro, atributos tidos como femininos.

cursar a universidade, é freqüente haver uma adesão maciça das mulheres às carreiras existentes nas ciências sociais (enfermagem, terapia ocupacional, fonoaudiologia, nutrição) ou humanas (psicologia, educação, letras, serviço social, história, artes etc.). Essas profissões são tradicionalmente voltadas para o ensino e o cuidado do outro, atributos tidos como femininos.

Já se nota atualmente uma forte presença das mulheres em cursos como direito, medicina, odontologia, arquitetura, comunicação, tradicionalmente redutos de prestígio masculino. Ainda assim, as escolhas dos homens continuam a ser orientadas para as ciências básicas (física, química, biologia), para as engenharias, a economia, as informáticas, a administração de empresas, o mercado externo (comércio

exterior, relações internacionais), dentre outras áreas tidas pelo senso comum como as mais propensas aos homens. Mesmo em contextos de reconhecida presença de ambos os sexos, por exemplo, uma agência bancária, observe como estão distribuídos os funcionários homens e mulheres nas diferentes seções da agência, desde a segurança e o serviço de café até a presidência do banco.

As escolhas feitas na adolescência serão, portanto, decisivas para a construção da trajetória biográfica de rapazes e moças, ou seja, cada profissão lhes reservará um aprendizado específico das regras de gênero, pois a convivência com seus pares no campo profissional sofrerá a interferência da lógica de gênero, desde a distribuição entre postos e turnos de trabalho até as formas de ascensão e remuneração.

A construção da identidade juvenil também se faz por meio do aprendizado entre pares, nas diferentes formas de sociabilidade e lazer desfrutadas por jovens. Entre jogos, brincadeiras, galeras, músicas, ritmos e danças, festas (rodeios, quermesses), práticas esportivas, tecnologias de informação (celulares, internet, comunidades virtuais), idas a *shopping centers*, adesão a determinado tipo de lazer (pesca, artesanato, bordados), enfatizam-se imagens, perfis, destrezas típicas de cada gênero.

A indumentária também é importante para a construção da identidade de gênero. O modo como cada jovem – homem ou mulher – se apresenta em bailes, festas, espetáculos musicais, rodeios informa não só sobre seu pertencimento social, mas também de gênero e

raça. Em determinados contextos é comum o uso de bonés e trajés largos para os rapazes, roupas mais aderentes para as moças, comumente de salto alto, distinguindo estilos diferenciados para cada gênero. A pressão que o grupo de pares exerce sobre seus participantes é tamanha na repetição destes estilos que se torna difícil arriscar novos modelos, inovar em práticas sociais que não estejam consagradas pelo grupo.

A sociologia tem estudado as denominadas **“tribos urbanas”** enquanto rede de amizades adolescente e juvenil que compartilham modo de se vestir, linguagem, músicas e outros gostos. Seja para impressionar colegas do mesmo gênero ou do gênero oposto, a aceitação dos valores de gênero difundidos nas mais variadas situações de sociabilidade juvenil exerce considerável influência na conformação da identidade juvenil de homens e mulheres.

A “Emo” (abreviação do inglês emotional) é uma destas tribos, que se originou do estilo musical derivado do punk; chegou ao Brasil, na cidade de São Paulo, por volta de 2003 e vem ganhando adeptos em outros estados. Os chamados “emos” têm geralmente entre 12 e 20 anos, usam munhequeira, franja caída no rosto, piercing na boca, colar de bolinhas ou dadinhos, gravatinha, tênis Adidas, roupas pretas, mistura de delicados lacinhos no cabelo com as ousadas meias “arrastão”. É possível que você já tenha visto ou conheça algum/a adolescente ou jovem que se veste assim. Eles se autodefinem como carinhos, sensíveis, pessoas calmas que não gostam de briga e querem apenas amar e serem amados. Em comunidades de relacionamento pela internet, encontram-se depoimentos dos/as “emos” falando sobre os preconceitos sofridos em razão do estilo de roupas que adotam e dos sentimentos que defendem. Se você quiser saber mais sobre “Emo”, veja um vídeo em www.youtube.com/watch?v=tYNC6zF49OI (5 min.).